



AS MEDIDAS DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO NO OESTE DE SANTA CATARINA, NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

MICHELY CRISTINA RIBEIRO^{1,2*}, SAMIRA PERUCHI MORETTO^{2,3}

1 Introdução

Antes do início da atuação de companhias colonizadoras no Oeste catarinense, o local era ocupado principalmente por indígenas e caboclos. Estes povos utilizavam a terra para fins de subsistência, e não tinham posse legitimada legalmente das terras que ocupavam. Por serem vistos como inferiores e para garantir que a comercialização dos lotes não encontrasse obstáculos, os indígenas e caboclos muitas vezes foram expropriados dos locais que ocupavam. Na primeira metade do século XX, o processo de colonização da região Oeste de Santa Catarina ocasionou uma intensificação no desmatamento devido à instalação de serrarias e madeireiras. Para Brandt e Nodari (2011), com a chegada dos colonos, era feita a derrubada das florestas para iniciar a lavoura que possibilitasse a comercialização de produtos, caracterizando uma mudança na relação com a floresta observada até então na região. Neste período, a venda de madeiras era importante para a movimentação da economia, e a abundância dos recursos naturais favoreceu a instalação da indústria madeireira no oeste catarinense. Por sua vez, a segunda metade do século XX compreende um período de expansão do setor agroindustrial, principalmente a partir da suinocultura. De acordo com os autores Moretto e Brandt (2019), neste período o principal destino da madeira extraída na região não era mais as serrarias, pois o crescimento de outros setores econômicos resultou na necessidade de fornecimento de lenha em maior escala para atender a demanda destes, como é o caso da agroindústria.

Para compreender as mudanças ocorridas nos sistemas naturais da região, é necessário, como destaca Donald Worster (1991), iniciar pela reconstituição do ambiente buscando perceber o funcionamento de suas estruturas antes da presença humana. O oeste catarinense faz parte da região de abrangência da Mata Atlântica, estando presentes a Floresta Ombrófila Mista (FOM) e a Floresta Estacional Decidual (FED). Entre as espécies vegetais encontradas na FOM e na FED, algumas também fazem parte da lista de espécies ameaçadas de extinção, como é o caso, por exemplo, da araucária (*Araucaria angustifolia*) (GASPER et al., 2013).

1 Graduanda do curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó*, contato: michelyribeiro@hotmail.com.br

2 Grupo de Pesquisa: Fronteiras: Laboratório de História Ambiental da UFFS

3 Doutora em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, **Orientadora**.



2 Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa consiste em investigar o processo histórico da transformação ambiental no Oeste do Estado, nas décadas de 1970 e 1980, dando enfoque para as medidas de conservação e preservação das áreas florestais, adotadas na região.

3 Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida levando em consideração a abordagem teórico-metodológica proposta pela História Ambiental, a qual tem como objeto de estudo a compreensão das relações construídas historicamente entre seres humanos e não humanos. Nesse sentido, Drummond (1991) aponta alguns dos aspectos metodológicos que precisam ser considerados por estudos guiados por este viés, entre eles, a utilização das ciências naturais para compreender as características físicas e ecológicas do local estudado; a busca pelo entendimento sobre recursos úteis ou inúteis para as sociedades, considerando que o recurso natural só existe a partir de uma identificação cultural; a possibilidade de utilizar as mais variadas fontes para analisar de que forma as sociedades interagiram com o ambiente; e, por fim, a realização de trabalhos de campo, transformando a paisagem em um documento a ser lido e utilizado como fonte.

Para a realização da pesquisa, foram utilizadas diferentes fontes, em alguns momentos retrocedendo o período de análise deste estudo para possibilitar melhor compreensão do contexto da região. Nos periódicos regionais, os quais estão disponíveis no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), em Chapecó, buscamos notícias ou anúncios que pudessem ser relacionados com o cenário das transformações ambientais da região. Além disso, outras fontes utilizadas são relatórios governamentais, legislação, censos agropecuários e iconografia. Nesse aspecto, conforme ressalta Donald Worster (1991), a História Ambiental não necessariamente utiliza apenas materiais novos, muitas vezes apenas reorganiza documentos que já eram utilizados como fonte pela história anteriormente.

4 Resultados e Discussão

No Brasil, o desenvolvimento de conceitos como preservação e conservação ambiental tem seu surgimento vinculado com um contexto anterior em que se desenvolveram preocupações em relação ao ambiente. Pesquisadores como José Luiz de Andrade Franco, José Augusto Drummond e José Augusto Pádua se debruçaram aos estudos das preocupações com a natureza no Brasil, fornecendo uma base para entender como as ideias de conservação e preservação foram construídas nacionalmente.



De acordo com Franco e Drummond (2012), a partir dos anos 1920 a 1940, alguns cientistas pensaram a proteção da natureza vinculada com a construção da nacionalidade, tendo influenciado a elaboração de leis e políticas de conservação do meio ambiente, além de terem sido criados os primeiros parques nacionais. Já a geração de pensadores entre 1950 e 1980 esteve envolvida com a criação de áreas de proteção, contribuindo também para conservar espécies ameaçadas de extinção. A partir de 1990, as ações tem maior foco na conservação da biodiversidade. A relevância de considerar os debates e pensamentos intelectuais que têm como pauta a questão da preservação ambiental está na compreensão do contexto da formulação de políticas públicas voltadas para a conservação. Apesar disso, é necessário ressaltar que a preocupação com a conservação da biodiversidade ainda é recente.

Mesmo que em âmbito nacional já surgissem algumas políticas de preservação e conservação ambiental no período de análise nesta pesquisa, as medidas efetivas no oeste catarinense não evidenciam essa prática em grande escala. O que se destaca ainda entre 1970 e 1980 é o desmatamento, evidenciado nas diversas fontes consultadas. Através dos dados fornecidos pelos censos agropecuários realizados entre 1960 e 1985 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se perceber que houve uma grande redução na área das matas e florestas naturais em Chapecó. As demonstrações do censo de áreas de matas naturais em Chapecó entre esse período apresentam uma redução acentuada de 49.317 hectares, em 1960, para 17.547 hectares, em 1970. No censo seguinte, de 1975, a área reduz novamente para 11.877 hectares, permanecendo um pouco mais estável no ano de 1980, com 11.817 hectares. Por sua vez, no ano de 1985, a área de matas naturais correspondia a 10.639 hectares. Por outro lado, o crescimento de áreas de matas e florestas reflorestadas não ocorreu na mesma proporção com que as áreas naturais foram diminuídas. A área de matas reflorestadas decaiu entre 1960 e 1975, passando de 2.222 hectares para 1.395 hectares neste período. Já os censos de 1980 e 1985 apontam para um crescimento das mesmas áreas, correspondendo a 1.807 hectares e 4.001 hectares, respectivamente.⁴

Além do notável descompasso entre o desmatamento e reflorestamento, cabe ainda destacar que as áreas reflorestadas não significam uma maior preocupação com a preservação da

4 FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Agropecuário Santa Catarina*. VIII Recenseamento geral – 1970. Rio de Janeiro, 1975.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Agropecuário Santa Catarina*. Censos econômicos de 1975. Rio de Janeiro, IBGE: 1979.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Agropecuário Santa Catarina*. IX Recenseamento geral do Brasil – 1980. Rio de Janeiro, IBGE: 1983.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Agropecuário Santa Catarina*. Censos econômicos – 1985. Rio de Janeiro, IBGE: 1991.



biodiversidade local. O modelo de reflorestamento adotado na região tinha como finalidade a manutenção da indústria madeireira e a continuidade de oferta de recursos naturais necessários para o ramo. Com isso, foi dada preferência para espécies exóticas que tivessem um crescimento mais rápido que as nativas, como o *pinus spp.* As áreas destinadas ao reflorestamento, portanto, mais se assemelhavam a uma monocultura do que a reconstituição da floresta que havia anteriormente no local.

5 Conclusão

Através das fontes analisadas, destacamos que a maior parte das transformações ambientais no oeste catarinense no recorte estudado foram motivadas pelo aspecto econômico. Quanto às medidas de preservação ou conservação, estas podem ser localizadas de forma mais pontual, sem haver ações mais amplas visando a proteção à natureza. No período, a Floresta Nacional de Chapecó já havia sido criada, tendo sua atuação voltada principalmente para a produção florestal. Para isso, o seu plano de manejo foi instituído em 1989, estabelecendo as diretrizes para o planejamento da unidade. Em relação à instituição de outras Unidades de Conservação (UC) no oeste catarinense, cabe destacar que a maior parte das que existem hoje são de criação recente, tendo sido estabelecidas principalmente nos anos 2000.

Referências

- BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 80-90, 2011.
- DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 177-197.
- FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. História das preocupações com o mundo natural no Brasil: da proteção à natureza à conservação da biodiversidade. In: FRANCO, José Luiz de Andrade et al. (Orgs.). **História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. P. 333-366.
- GASPER, André Luís de et al. Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina: espécies da Floresta Ombrófila Mista. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 2, 2013. p. 201-210.
- MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229 - 254, jan./abr. 2019.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 198-215.

Palavras-chave: História Ambiental; transformação da paisagem; preservação e conservação florestal.

Financiamento

Bolsa de IC/CNPq.